

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talaba* — Lisboa — Telefone:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

COOPERATIVISMO

O insucesso de algumas tentativas cooperativas realizadas em Portugal fez com que fosse tido por nefasto e inteiramente abandonado este método de defesa operária. As cooperativas realmente não deram nada quando a chegada da ideia até nós originou alguns empreendimentos, consistindo em instituições apenas criadas logo desmanteladas, bem triste por vezes. As cooperativas tinham que era um louvar a Deus, mas vezes porque a administração, viciosa e incompetente, as levava a morte, outras vezes porque a hostilidade do meio lhes suava depressa todas as probabilidades de sucesso. Agora isto, ou-se o caso de, em algumas localidades onde as cooperativas prosperaram excepcionalmente, absorverem estas instituições todos os cuidados do operariado, não se curando mais da acção combativa e revolucionária dos sindicatos. As cooperativas tomam então um cunho aburguesado, capitalístico, as comissões de frente delas estavam esquecidas os intuitos do empreendimento e passavam a preocupar-se apenas com o grangeio de lucros sucessivamente maiores, os filiados passavam a vida em cálculos resistentes aos dividendos que, fim do ano, arrecadariam, e, nesta conformidade, não era raro o acto de queixarem-se, os assalariados trabalhando nessas cooperativas, da exploração de que eram vítimas e bem rivalizavam em esforço com o que se praticava em estabelecimentos burgueses, alguns desses empregados de cooperativas chegando a constituir-se em sindicato, para mais eficaz defesa dos seus interesses posteriores.

Não há dúvida, portanto, que o cooperativismo falhou no seu início, podendo, aos defeitos que já apontamos, juntar-se muitos outros, como seja o de estarem os organismos operários incapazes naturalmente de competir, em poses monetárias, com os potentados da burguesia, por forma a impor-lhes receitas de comodimento comercial que, decididamente, não os seus hábitos. Em todo o caso, e sem querermos afirmar nada de definitivo, posto que para isso nos faltam os indispensáveis elementos, sempre declararemos não ser, a nossos olhos, coisa prudente, a improficuidade absoluta das cooperativas.

A época mudou; e, com o andar dos tempos, mais se radicou a multidão operária aquela consciência revolucionária, aquele espírito de luta reivindicadora, que, aqui há uns lustres atrás, era apenas um indicio mal visível. O facto de terem em tempo falhado as cooperativas, não quer dizer que para falhar ainda hoje estivessem exclusivamente fadadas. Antes de conseguir o operariado sustentar na imprensa o seu órgão diário, de vida garantida e voz audível, muitas anteriores tentativas neste sentido se esborçaram. Não, decididamente; os insucessos do passado não impedem os triunfos do futuro. Não deixemos que os dogmas passem a dominar-nos, emperrando-nos o raciocínio ou obliterando-nos as faculdades de análise e verificação. Cuidemos sempre de fazer um *Contrôle* rigoroso ao que se diz, porque nem tudo quanto se diz é verdadeiro.

Alguns dos vícios que, desde o início, se verificaram nas organizações cooperativas não há dúvida que ainda hoje subsistem e não vemos que haja maneira de dar-lhes cabo. Trata-se, por exemplo, da insuficiência monetária das instituições proletarianas, assim sendo que uma cooperativa de consumo, se nos liberta da ganância do retalhista, já não consegue emancipar-nos da especulação, muito mais grave, do grande armazénista e do grande assambarcador. Em todo o caso, ficar a gente com um inimigo a menos já é alguma coisa, mormente quando esse inimigo diariamente nos flagela e oprime. Quanto à porta do espírito revolucionário das massas não cremos que ela se opere-

rasse ainda hoje tam fatal e matematicamente como outrora, e disso é prova o facto de terem hoje as suas cooperativas de consumo, e em próspero funcionamento, algumas corporações operárias que nem por isso perderam as qualidades combativas, antes pelo contrário.

Ora, admitido que já hoje as cooperativas de consumo podem muito bem agüentar-se, cabe perguntar se merecem realmente a pena empenhar esforços para constituir-las, e esforços sérios, pois não é tam fácil como pode parecer, assentar os alicerces sobre os quais uma cooperativa, com garantias de vida longa, deve firmar-se. Nós cremos que, de facto, merecem apenas realizar trabalhos nesse sentido. De cooperativas sabemos nós, especialmente em localidades provincianas ou em pequenos bairros afastados, que inteiramente se desempenham da missão que lhes compete, qual é a de moderar a ganância dos comerciantes, por meio da concorrência, abastecendo ao mesmo tempo os filiados, por preços módicos, de géneros que se sabe não estarem falsificados, deteriorados ou impróprios para gasto. Em resumo: as cooperativas não poderão já hoje destruir o espírito combativo dos trabalhadores, pois não está a consciência de cada qual na dependência da entrega ao mercador do lucro desmoteado que em cada transacção ele nos cobra; por outro lado, estando provado que muitas cooperativas estão dando resultados excelentes como opositas ao aumento do custo da vida, nada nos inibe de supor que, optando-se por um *modus faciendi* perfeito, esses mesmos resultados excelentes se generalizarem. Será realmente assim? E' aos organismos operários que compete averiguar-lo, ventilando e esclarecendo o assunto o mais possível, e, finalmente, realizando experiências que agüentem todas as dúvidas, para que não fiquemos com o remorso de termos desprezado uma arma que podia ser-nos útil, ou para que entremos, finalmente, na aplicação da má prática que, se não revolucionária no mundo, se não muda inteiramente a fase burguesa da sociedade, pode contudo trazer-nos vantagens. E nós estamos num momento em que nenhuma vantagem pode ser tida em pouca conta.

VER PARA CRER

O testemunho dos visitantes da Rússia

O correspondente do *Times* em Helsinkis, dá pormenores sobre a visita feita pelo correspondente do *Manchester Guardian* a Moscú. Este último, o sr. Goode, voltou entusiasmado com a sua visita, e afirma ser absolutamente falso tudo quanto se tem publicado sobre a situação precária do bolchevismo.

Este caso lembra outro, ainda mais significativo: o do norte-americano Isaac Don Levine, ferrenho antibolchevista, enviado à Rússia por dois dos mais importantes jornais capitalistas dos Estados Unidos.

Apesar de ir com uma firme opinião antecipada, chegando à Rússia verificou que se enganara e teve a rara coragem de o proclamar publicamente. Isaac Don Levine deixou a Rússia nos princípios de Julho e de Estocolmo mandou cartas cheias de imparcial e nobre justiça para os seus jornais, o *New York Glob* e o *Chicago Daily News*.

Numa delas tecia os mais rasgados elogios a Lenin, comparando-o a Edison pela visão do saber e pela capacidade de trabalho. Lenin, diz ele, goza duma popularidade quasi geral entre operários, camponeses e intelectuais, tendo sabido conquistar a adesão de todos os socialistas de boa-fé e a admiração dos inimigos.

Congresso Nacional dos Empregados no Comércio

E' no próximo domingo, 28, que no Teatro Rosa Damasceno, em Santarém, se realiza a sessão inaugural do VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio. A respectiva federação, entidade organizadora do Congresso, tem já a adesão de quasi todas as associações do continente, sendo muito elevado o número de delegados inscritos.

Entre os vários trabalhos a discutir figura o relatório dos delegados da classe ao Congresso Operário de Coimbra.

C. G. T.

Tomou ontem posse o Comité Confederal

Ontem, pelas 21 horas, foi dada posse ao Comité da Confederação Geral do Trabalho pelo presidente e 1.º secretário da mesa de encerramento do II Congresso Operário Nacional, assistindo ao acto os componentes da comissão administrativa da extinta U. O. N., a comissão organizadora do Congresso de Coimbra, vários membros da comissão do Conselho Jurídico, o secretário geral da U. S. O. de Lisboa e outros elementos operários.

Depois do secretário geral da extinta U. O. N. ter, em nome da comissão que vinha de depôr o seu mandato, manifestado aos camaradas do Comité Confederal o sincero desejo de que a instituição que sucede à U. O. N. tenha uma existência repleta de bons serviços à classe operária, trocaram os membros do Comité Confederal impressões com os antigos componentes da C. A., tendo sido resolvido pedir aos sindicatos que tem as suas cotizações em atraso que promovam a sua liquidação até ao fim do corrente mês.

O Comité Confederal, depois de resolver realizar as suas sessões ordinárias às quartas-feiras, às 21 horas prefixas, devendo reunir extraordinariamente depois de amanhã, aprovou a seguinte saudação:

AO PROLETARIADO

O Comité da Confederação Geral do Trabalho Portuguesa, ao tomar posse do mandato que lhe foi conferido pelo II Congresso Operário Nacional, envia fraternais saudações a todo o proletariado organizado do país, fazendo ardentes votos porque todos os sindicatos cumpram integralmente as resoluções daquele Congresso, para que este Comité possa dar cumprimento ao seu mandato.

Outrosim sauda o proletariado internacionalmente organizado que marcha a caminho da sua integral emancipação.

O Comité Confederal

O tratado de paz

Eu não fui...

PARIS, 19. — A entrega do tratado de paz à delegação bulgária no ministério dos negócios estrangeiros deu lugar a que o presidente da delegação sr. Teodorof, que é o chefe do actual governo bulgário, se uma longa memória explicando que o povo bulgário está inocente da traição da Bulgária aos aliados e da entrada da Bulgária na guerra ao lado dos centrais. O culpado, diz o sr. Teodorof, é o Estado bulgário, mas todos os culpados serão castigados pelo povo, seja qual for a sua posição. — H.

Cruzada Social

Contestando o artigo de G. Gonçalves, que a *Bataha* ontem deu à estampa, recebemos da comissão organizadora da Cruzada Social um escrito que não inserimos por estar redigido em termos que não primam pela correção.

Nunca as colunas de *A Bataha* se encerraram a quem, pretendendo defender-se, se nos dirige em linguagem correcta, que se trate de amigos ou de adversários.

Temo-nos, porém, furtado sempre a agüitar aqui questões pessoais, que para isso não foi criada *A Bataha*. Teem os fundadores da Cruzada Social, entre os quais contamos presados camaradas e amigos, e que conhecemos como muito honestos, as colunas de *A Bataha* à sua disposição para descrever os fins da instituição que criaram e opôr aos argumentos de G. Gonçalves os seus argumentos. Uma condição lhes damos, porém: é que essa discussão tem que ser elevada, própria de criaturas que sabem educar pelo exemplo. Doutra forma, não.

Vítimas da aviação

MADRID, 19. — Durante uma manobra aérea, no aeródromo de Getafe, os capitães Rocha e Navarro caíram dum grande altura, morrendo ambos. — H.

Os checoslovacos repatriados

PARIS, 22. — O conselho supremo resolveu que fossem repatriadas as tropas checoslovacas, em número de 50.000 homens, que se encontram ainda na Sibiria. — H.

Esclarecendo

Do operário barbeiro Adriano Pires Tiburcio Lopes recebemos um pedido de rectificação à parte do artigo do nosso colaborador Antero de Lima, publicado na *Bataha* de 21, que se refere à apreciação, pela assembleia geral da classe, do seu artigo de 14 do corrente. O camarada em questão é que se refere a ele, fazendo-lhe justiça pela verdade que encerra, pronunciando-se a classe favoravelmente ao seu modo de ver. Antero de Lima — diz Adriano Lopes — sente como freguez; não pode sentir como barbeiro. Eis a diferença.

Trabalhadores lêde e propagai

NA LINHA DE FOGO

Do Nacionalismo integralista

Frequentemente recebem-se aqui brochuras de combate que não se sabe bem, au premier abord, se devem ou não atribuir-se a camaradas do mesmo lado da barricada, tanto se fala nelas em sindicalismo, classe operária e organização, denotando da parte dos seus autores um perfeito conhecimento da ideologia revolucionária, desde o jargon de clamarório que a gente usa, até às teorizações doutrinaárias que papagueiam tam bem como nós.

Estas brochuras são de sindicalistas integralistas. A propósito dum referência que fizemos no registo literário a um destes opúsculos da autoria de Felix Corrêa, em que belicistas o integralismo lusitano, saiu a campo a Monarquia em defesa dos seus princípios.

Porque o assunto é interessante e os adversários são sérios, vale a pena versá-lo, embora ligeiramente e nos limites dos meus recursos, quanto mais não seja para esclarecer o que parece a muitos mistificação.

O integralismo é no fundo uma crença puramente intelectualista e não alheio, embora o pareça, à orientação anti-racionalista, pragmatista, que deu uma alma nova à filosofia moderna depois da falência do materialismo negatista.

O nacionalismo integralista é uma filosofia a que se quer dar uma prática. Mas transportado ao campo político o seu objectivo é um finalismo estéril: — equilíbrio, estabilidade, ordem. Pode a muitos parecer, por isso, que ele é contrário à evolução e ao progresso. Mas não é retrogrado, avança mesmo. O seu erro, porém, é considerar o progresso e as relações sociais a maneira dum sistema rígido deslocando-se no tempo, como um sistema planetário se desloca no espaço.

Para o nacionalismo há como que um plano prestabelecido ou pelo menos chegado já à sua plena conformação estrutural: é a civilização greco-romana, é o humanismo clássico. Sou homem e sou romano, eis para Charles Maurras duas proposições idênticas. Compreende-se assim como o mais autorizado representante do integralismo francês seja também o maior panegirista e o mais encarnigado defensor da cultura clássica. «Roma significa sem contínuo a civilização e a humanidade».

Esta tendência vem, dum maneira geral, da Renascença; mas ela é hoje uma formidável condenação das ondas especulações críticas que exorbitando daquele movimento renovador, se desnataram nos falsos princípios da Enciclopédia donde saiu a Revolução e no racionalismo democrático que o continuou e continua ainda.

O nacionalismo integralista aparece-nos pois, em princípio, como uma reacção intelectual sistematizada contra a ruptura dos quadros sociais pela invasão democrática, e no domínio da acção uma luta contra a desintegração dispersiva dos valores nacionais e o desbarato criminoso do património colectivo. Uma forte e sólida disciplina humanista espiritualizada pela arte clássica e completada por uma acção prática fortemente combativa e desorganizadora do

se permita as insinuações com que se nos tem dirigido, envolvendo-nos em enigmáticas e obscuras frases.

Nada nos impede de erguer a fronte. Fiquemos sabendo *O Combate*, se o não sabia. E é erguendo-a que o convidamos, que o intimamos mesmo, a explicar as expressões dúbias com que se nos refere. «A *Bataha* ainda não há de dizer um dia, talvez em breve, que servimos tem prestado ao proletariado nacional, para se arrogar a impertinência, como zomba dementada, de menoscar a obra feita pelos outros...»

Que quer dizer *O Combate*? Que significam estes termos baixos, insultuosos e nojentos?

«O que temos a dizer-lhe dizemo-lo hoje, amanhã, quando *O Combate* quiser, não tememos ameaças e, o que é mais, não as admitimos».

A Bataha é órgão do proletariado organizado. A sua orientação é inspirada na organização sindical dos trabalhadores portugueses.

Das suas afirmações e dos seus actos tem que dar contas ao organismo de que é órgão, embora *O Combate* pretenda o contrário.

O jornal socialista tem tido, segundo diz, a paciência de não tornar públicos os serviços prestados pela *Bataha* ao proletariado. «Mas a paciência também se esgota» — acrescenta.

Pois que venha a lume o que *O Combate* tem a dizer-nos e teima, em ocultar. E que venha antes que se nos esgote, a nós, a paciência que já temos tido de mais para o aturar.

BRUXELAS, 22. — O rei e a rainha belgas partiram para Ostende, onde devem embarcar com rumo aos Estados Unidos. — H.

A SANTA ALIANÇA CONTRA OS SOVIETES

Aliados, Tsaristas & Alemães

Os acontecimentos da Lituânia — Inquietações fingidas ou tardias — Um manifesto dos Indes :: :: pendentes alemães :: ::

L'Europe Nouvelle faz interessantes revelações sobre as intrigas entre militaristas alemães, tsaristas russos e imperialistas Aliados — tudo ligado contra a Revolução russa.

Koltchak mandou emissários a Berlim, e em Mitau, na Curlândia, realizou-se um convénio entre militaristas alemães e três representantes da reacção russa — o príncipe Lieven, o conde Keller e outro emissário de Koltchak. O acordo foi depois concluído em Berlim.

Em fins de Julho, começavam na Lituânia a operar as tropas de Lieven, mescla de russos e alemães, fardados em geral à alemã com insígnias tsaristas. Entre a oficialidade, inúmeros tsaristas igualmente. Os gendarmes germânicos requisitavam em nome do chefe russo, desarmavam os soldados lituanos e faziam de conta que o governo nacional da Lituânia não existia. Os oficiais declaravam abertamente que pertenciam ao «exercito tsarista», cujo fim é a unificação e reconstituição da velha Rússia!

A *Freiheit*, órgão dos socialistas independentes alemães, publicou um orden do dia do general alemão Von der Goltz, datada de Mitau, 31 de Julho de 1918, proibindo a propaganda contra o recrutamento de soldados alemães para a contra-revolução russa, o que mais uma vez mostra que vem de trás, como é natural, a colaboração de todas as reacções — russa, alemã e aliada — para o mesmo fim: a extinção do perigoso foco bolchevista.

Recentemente, soube-se que a instigação dos Aliados, Denikin tinha obtido do governo alemão licença e todas as facilidades para o recrutamento de soldados da contra-revolução, entre os prisioneiros russos internados na Alemanha.

Os Aliados sempre cooperaram directamente ou indirectamente com os alemães contra os bolchevistas, espalhando embora, como infame ardil de guerra, que os bolchevistas não passavam de agentes a soldo do imperialismo germânico!

Nas Províncias Bálticas, os Aliados chegaram a prometer aos soldados alemães terras e o gozo dos direitos dos nacionais, para os induzir a marchar contra o exercito vermelho. Agora os homens reclamam, na Curlândia, o cumprimento da promessa.

A sombra dessas intrigas antibolchevistas, o general Von der Goltz reuniu em Mitau e arredores com mil soldados alemães. Pretende-se agora que o *Exército* se mostra inquieto, no *L'Europe Nouvelle* não cre: «O que é crível é que estão todos de acordo — Koltchak, governos aliados e governo alemão — porque são todos da mesma estampa».

GOVERNO

CONTRA

AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Seguirmos ontem para o forte de Monsanto os jovens sindicalistas que se saíram da Associação dos Manipuladores de Tabaco assistiam a uma sessão.

Não sabemos de que os acusa o governo. Não sabemos porque motivo os persegue e inclausura quando, por toda a parte, os jovens de todas as cores políticas, mais particularmente desaleitados ao governo actual, gritam alto e bom som as suas doutrinas sem que ninguém os incomode.

Não percebemos em que se baseia o governo para tais perseguições, tanto mais injustificadas quanto é certo que no tempo da monarquia os republicanos exerciam uma acção muito mais subversiva do que é a das juventudes sindicalistas. E era no tempo da monarquia, em que a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade era o lema dos precursores da república que atiravam com ele ao carcomido pedestal do velho regime de reacção e de opressão.

Reputa o governo do sr. Sá Cardoso de nociva e prejudicial à disciplina, a organização das escolas dos jovens operários, tratando-se, para mais, segundo diz, de menores, na sua maioria.

Que ideia fará o governo de disciplina e de educação para, impedindo as reuniões dos menores, os mete nos calabouços, junto com os criminosos de toda a espécie?

Há, portanto, o manifesto intuito do governo perseguir sistematicamente as organizações de carácter sindicalista.

Contra a atitude do governo manifestaram-se os seguintes organismos:

A acção reacção governamental continua fazendo-se sentir sobre a mocidade operária que num pleno direito, outrora foi defendida pelos actuais governantes, se reúne nos seus núcleos, irradiando do seu espírito a nefasta educação burguesa, e procurando educar-se nos princípios racionalistas, preparando uma sociedade mais equitativa e igualitária.

Acabam os governantes de praticar mais uma infâmia sobre os jovens sindicalistas que se encontram reunidos, protestando contra o terrível flagelo — a carestia da vida — prendendo grande número de jovens e encarcerando-os no governo civil, satisfazendo os reacçãoários desejos da burguesia.

Contra esta violência, este núcleo larva a seu veemente protesto, aconselhando todos os jovens a ingressarem nos seus núcleos, apressando as ameaças governamentais e

Inquieto mostra-se também o próprio *Worwaerts*, órgão dos socialistas maioritários alemães, cúmplices da contra-revolução burguesa. Descobre agora que «a política pessoal de Von der Goltz é um perigo» e que a «República democrática da Letónia considera como uma ameaça a acção combinada da reacção militar russo-alemã». E apela para... o Governo!

Também se sobressaltou com os acontecimentos de Mitau a imprensa polaca e com ela os pequenos países que se separaram da Rússia e que se deixaram estupidamente induzir a atacar a República dos Sovietes, que espontaneamente lhes reconhecera a liberdade de dispor de si, ao passo que o restabelecimento do tsarismo ou seu sucedâneo seria para eles a perda da independência e o regresso à unidade centralista, como os factos já o estão provando. Eis porque alguns desses países propõem a paz aos Sovietes, ou já a teriam pedido ou aceitado, se não fora a pressão exterior.

Para finalizar, reproduziremos o apelo lançado pelos socialistas independentes alemães:

«Enquanto os socialistas da direita, em Weimar, preparavam, à sombra da bandeira auri-rubro-negra, uma constituição «democrática» que reconhece e sustém o sistema capitalista, os reacçãoários e generais monárquicos trabalhavam...»

Com o esmagamento e desarmamento sistemático dos operários revolucionários, voltaram a ser poderosos os generais «fiéis ao imperador», que armavam ao mesmo tempo a burguesia e os grandes proprietários terrores. De dia para dia se torna a reacção cada vez mais ameaçadora.

Com a derrota da República Soviética dos operários e camponeses húngaros, os *Junkers* e monárquicos alemães imaginam que chegou a sua hora. A leste, está reunido um exercito contra-revolucionário. Na Curlândia, juntaram-se todos os elementos reacçãoários da antiga casta militar, constituindo uma força pronta a marchar contra a revolução alemã.

«Em grande número, entraram em corpos contra-revolucionários doprinçipe Lieven e do conde Keller para marchar com Koltchak e Denikin contra a República dos Sovietes, afim de restabelecer o tsarismo.

«E' uma vergonha para a Alemanha que os exercitos alemães constituam o núcleo desse exercito contra-revolucionário. Tudo isso se passou com o assentimento dos pseudo-socialistas governamentais. Foi à vista deles que funcionaram as agências de recrutamento para o exercito russo contra-revolucionário».

educando-se a fim de que amanhã possam por termo a semelhantes iniquidades.

Núcleo da Indústria do Mobilisário

— Envia-nos a seguinte nota officiosa:

A comissão administrativa da U. S. O. de Lisboa, tendo conhecimento de que na segunda-feira passada, foi cercada a Associação do Pessoal Extraordinário dos Tabacos e presos os operários que ali se encontravam assistindo a uma sessão informativa da U. S. O., e tendo em vista o seu protesto contra a forma como se estão perseguindo aqueles que não comungam no credo dos governantes; e bem assim contra o facto de o mesmo a respectiva Associação ter sido salada, e ainda entendendo o seu protesto por se conservarem a ferro da República os camaradas António Poite e Cristiano Lima, prós e quando no exercito dum direito falavam numa reunião de propaganda do sindicato unico. Neste protesto envolve também uma saudação a todos aqueles que neste momento são vítimas da reacção burguesa.

A Federação da Indústria Mobilisária, reunida ontem e tomando conhecimento das prisões arbitrárias cometidas na juventude do 1.º bairro de vários operários, entre os quais se encontram 10 camaradas desta indústria, este organismo lava o seu protesto contra estas violências, lembrando a todos os camaradas desta indústria que se encontram presos, caso ainda o não fizeram, a enviar uma nota dos seus nomes para esta Federação, a fim de se prestar a devida solidariedade.

Núcleo do 1.º Bairro. — Também nos enviou uma nota idêntica em que aconselha aos jovens sindicalistas que se mantenhiam firmes e encorajados, mas com prudência, para poderem resistir às perseguições do governo.

Igualmente no enviaram notas com energicos protestos a U. S. O. de Lisboa, Federação Nacional da Construção Civil, Federação da Indústria Mobilisária, Sindicato Ferroviário, Associação dos Carpinteiros Civis, Secção do Sindicato Unico Metalurgico de Palma e Arredores, Associação dos Marcenários, Serventes de Pedreiro e Estucador, Estucadores e Decoradores, União dos Pintores da Construção Civil, Polidores de Móveis, Associação dos Pedreiros, Canteiros e Polidores de Mármore.

Destes protestos destacamos, impedidos de os publicar, todos os da U. S. O. e da Federação da Indústria Mobilisária:

O processo Lenoir

PARIS, 19. — A comissão para a revisão do processo Lenoir examina o dossier sobre o assunto que lhe foi entregue pelo ministro da justiça. — H.

Lenoir executado?

PARIS, 19. — Corre com insistência que Pierre Lenoir, condenado a morte, por inteligência com o inimigo, será executado na sexta-feira. — H.

